

Oportunidade. Após cursos, 40 em cada 50 jovens que deixam unidades conseguem emprego

Uma lição de recomeço

Em unidades de internação, jovens descobrem uma arma que pode mudar sua vida: a educação

FOTOS: CARLOS ALBERTO SILVA

ANNY GIACOMIN
agiacomini@redgazeta.com.br

■ Ainda crianças, eles conheceram o lado obscuro da vida: roubaram, mataram, se envolveram com drogas. A escola e a família – normalmente, espaços de acolhida e crescimento – nunca foram o porto seguro. Nesse cenário, não é difícil imaginar o futuro: de infratores mirins, o passo seguinte seria a graduação na bandidagem. Ou morreriam antes de chegar à maturidade, como acontece com tantos outros, todos os dias.

Para muitos desses meninos, no entanto, ser “apreendido” – que equivale ao “ser preso” dos adultos – é a chance de recomeçar. E o caminho, para todos eles, passa pela sala de aula. No mundo do crime, escolaridade é luxo. Mas eles estão descobrindo que podem ir longe usando uma arma que não fere ninguém: o conhecimento.

*João, 18 anos, trilhou todo esse caminho: aos 14, largou a escola para trabalhar como garçom, em Nova Venécia. Dali para o envolvimento com o crime foi um pulo. A casa caiu quando veio a acusação de tentativa de homicídio, a condenação e a internação Unidade de Internação Socioeducativa (Unis).

Como 80% dos adolescentes internados, que não chegaram a completar a 4ª série do ensino fundamental, estudar, para ele, não era uma possibilidade. Aos 16 anos, não havia passado da 7ª série. Hoje, dois anos depois, além de ter concluído o ensino médio, foi um dos 12 internos que participaram Enem. E foi dele a nota mais alta.



na cometido – e sempre à mão armada. “Fumava maconha, e no meu bairro era muito fácil conseguir arma. Eu não escutava ninguém”, lembra.

O amigo, parceiro no crime, também foi morto, durante uma das ações da dupla. Detido, Felipe passou pela Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), até ser transferido para a Unis, no dia de seu aniversário. De presente, logo na chegada se viu diante de uma escolha que selaria seu destino, ao deparar com um confronto entre os internos.

Em vez de tentar se firmar como um dos “xerifes” da unidade, escolheu não se envolver. Com medo, quase não dormia. Até que, transferido de novo, desta vez para o CSE, ficou mais claro o caminho que deveria trilhar: “Percebi que não valia a pena bater de frente com todo mundo, precisava escutar as pessoas”.

Foi nesse período que ele descobriu os livros e também a paixão pela culinária. Depois de passar por vários cursos profissionalizantes e não ver graça em nenhum, hoje ele trabalha na cozinha do CSE e aguarda, ansioso, a volta para casa. “Vou morar com a minha mãe e com a minha avó em meu bairro, porque corro risco onde morava. E quero continuar trabalhando aqui, na cozinha. O crime não compensa”, conclui o jovem.

ESPERANÇA AQUI FORA

A boa notícia para Felipe é que boa parte dos meninos que saem das unidades de internação consegue reconstruir a vida. Em 2010, a cada 50 jovens que deixaram o Iases, 40 foram inseridos no mercado de trabalho em empresas do Estado. Atualmente, 31 integrantes do sistema trabalham com carteira assinada, principal-

80% dos internos

É a quantidade de adolescentes que entraram nas unidades de internação sendo que não chegaram a completar a 4ª série do ensino fundamental.

O que mudou? O cartaz na porta que dá acesso às salas de aula da Unis, em Cariacica, dá uma dica: “Lema do dia: o primeiro passo para conseguirmos o que queremos na vida é decidir o que queremos”, diz a mensagem. E João, hoje, sabe o que quer: “Fazer Direito para ser alguém na vida”, diz. E completa: “É claro que eu sinto saudades da minha família. Mas pelo menos tive a oportunidade de recomeçar. Agora ninguém vai conseguir fazer minha cabeça de novo”.

LUTA DE TODO DIA

Para os pouco mais de 590 jovens que estão em uma das unidades de internação do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases) por terem cometido ato infracional, a luta para decidir pelo que é certo é diária.

Com a obrigatoriedade dos estudos e com aulas de reforço, a repetência escolar desses adolescentes é de 10% – índice comemorado por quem trabalha com os internos e sabe que, nesse processo, é preciso matar um leão por dia. Como a professora de História Renata Coelho Nogueira, de 34 anos.

Para eles, os educadores, o desafio é tão grande quanto para os adolescentes. “Aqui temos que ser ainda mais criativos para atrair a atenção dos alunos, porque a defasagem com que eles chegam é grande. Tem sido uma experiência enriquecedora. Acredito que a educação é, sim, um instrumento de transformação”, ressalta Renata.

Todas as unidades possuem espaços pedagógicos

EXEMPLO. Felipe*, 17, descobriu a paixão pela cozinha; hoje, trabalha na unidade de internação em que ficou apreendido



TENTAÇÕES. Túlio*, 20 anos, reconhece que não é fácil manter-se longe das antigas “amizades”. Logo no primeiro dia de liberdade, foi chamado para retornar ao mundo do crime. E ele disse não. Hoje, trabalha há mais de um ano como almoxarife, em um centro de internação do Iases

com salas de aula montadas e espaços para oficinas, além de laboratórios de informática e salas para cursos profissionalizantes. As aulas são ministradas em parceria com a Secretaria Estadual de Educação (Sedu) e com o Sesi.

QUESTÃO DE OPORTUNIDADE Felipe*, 17, chegou ao Iases aos 15 anos, sem sequer saber ler direito. Hoje, internado no Centro Socioeducativo de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei (CSE), ele comemora: está cursando o ensino médio,



CONQUISTA. João*, 18, é um exemplo para os colegas: teve a melhor colocação entre os internos no Enem de 2010

por meio do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). E faz planos para quando deixar o local, mostrando que driblou o destino que se desenhava lá atrás, quando estava nas ruas: “Quero terminar meus estudos e lutar pelos meus sonhos”, conta.

Para um de seus irmãos, que foi assassinado, não houve segunda chance; o outro irmão também está apreendido. Filho caçula de pais separados, Felipe começou cedo no crime. Com menos de 15 anos, já havia perdido a conta dos assaltos que ti-

80% saem empregados

40 a cada 50 jovens que deixaram o Iases, em 2010, foram inseridos no mercado de trabalho no Estado, principalmente no ramo da panificação.

mente no ramo de padarias e restaurantes.

O superintendente do Sindipães, Fábio Bento, lembra que o setor é um nicho de oportunidades para esses jovens, pela carência de mão de obra qualificada. “Alguns empresários têm realmente se envolvido nessa causa e dado oportunidade para os garotos. Temos adolescentes trabalhando na produção e até mesmo no caixa”, conta.

DE NOVO, AS ESCOLHAS

Após a saída, o adolescente é acompanhado por seis meses a até um ano, como explica a gerente pedagógica do Iases, Anna Cristina Viana Omati. “Se o adolescente não alcança a meta e volta a cometer infrações, é porque não foi o tempo dele”.

De novo, é preciso fazer escolhas. O que Túlio*, hoje com 20 anos, reconhece que não é fácil. Apreendido por tráfico e porte ilegal de armas, logo no seu primeiro dia de liberdade foi abordado pelos antigos companheiros para retornar ao mundo do crime.

Túlio disse não. E, alguns dias depois, ao fazer o acompanhamento no CSE, veio a luz no fim do túnel. “Já me convidaram para trabalhar lá”, conta o rapaz. Há mais de um ano, ele é almoxarife na unidade. E uma prova de que recomeços são, sim, possíveis. “Agora quero formar uma família”, sonha, orgulhoso de ter feito as escolhas certas.

*Os nomes dos entrevistados são fictícios, em cumprimento ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

“**Quero fazer Direito para ser alguém na vida. Tive a oportunidade de recomeçar”**

João, 18 anos

“**Quero continuar trabalhando aqui, na cozinha. O crime não compensa”**

Felipe, 17 anos